

AVALIAÇÃO ESCOLAR NA EDUCAÇÃO BÁSICA

The school evaluation in the basic education

Thaila Renner Machado Klein¹

Silvana Scarpatto¹

Resumo: O presente artigo aborda a avaliação escolar, cujos conceitos serão apresentados sob o olhar de Celso Antunes, Celso dos Santos Vasconcelos, Cipriano Luckesi e José Carlos Libâneo. O principal objetivo desta pesquisa é refletir sobre a avaliação da aprendizagem na Educação Básica, com base nas atividades de observação realizadas no decorrer do Estágio Supervisionado na Escola Barão de Lucena, a qual atende o Ensino Fundamental Regular e de EJA e Ensino Médio. Partindo deste objetivo, contrapomos a teoria dos autores com a prática escolar, uma vez que a avaliação é parte do processo de ensino e aprendizagem. Os instrumentos de avaliação podem ser diversificados, sendo estes: provas objetivas e dissertativas, trabalhos, observações dos alunos, autoavaliação. Em sala de aula, a aplicação de provas supera, na quantidade, a aplicação de outros instrumentos. Pensar maneiras diferentes de avaliar perpassa a superação de critérios quantitativos do conhecimento. A avaliação não pode somente representar um instrumento de controle da disciplina em sala de aula, mas deve ser bem planejada, representando um instrumento didático-pedagógico e de diagnóstico.

Palavras-chave: Avaliação escolar. Planejamento. Diagnóstica. Instrumentos.

Abstract: This research deals about the school evaluation, whose concepts will be presented from Celso Antunes, Celso dos Santos Vasconcelos, Cipriano Luckesi and José Carlos Libâneo. The main objective of this research is to reflect on the evaluation of learning in Basic Education, based on the observation activities carried out during the Supervised Internship at the Barão de Lucena School, which attends Regular Elementary School and EJA and High School. Based on this objective, we contrast authors' theory with school practice, since the evaluation is a part of the teaching and learning process. The instruments of evaluation can be diversified, being these: objective tests and dissertations, works, observations of the students, self-evaluation. In the classroom, the application of evidence exceeds, in quantity, the application of other instruments. To think of different ways of evaluating is to pass quantitative knowledge criteria. The evaluation can not only represent an instrument of control of the discipline in the classroom, but must be well planned, representing a didactic-pedagogical and diagnostic tool.

Keywords: School evaluation. Planning. Diagnostic. Instruments.

Introdução

A avaliação da aprendizagem é objeto de constante discussão. As teorias sobre a temática apresentam-se como modelos aplicáveis em diferentes contextos, necessitando de planejamento, de acordo com o grupo de alunos.

O intuito deste artigo é refletir sobre alguns instrumentos de avaliação escolar, relacionando teoria e prática docente. A análise tem por base fontes teóricas e a coleta de dados da escola, quando da observação de estágio, realizadas na Escola Barão de Lucena, que atende aos níveis: Ensino Fundamental; Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos – Ensino Fundamental, tendo em média 25 alunos por turma. O intuito é observar as realidades e as dificuldades em relação à avaliação escolar e seus instrumentos.

Este trabalho está estruturado em três etapas: a primeira refere-se à parte teórica, em que trazemos os conceitos de avaliação escolar e os métodos e instrumentos de avaliação; a segunda parte relata a experiência do estágio, e por fim, a terceira parte contém as impressões do estágio, apresentando uma postura crítica e reflexiva.

¹ Centro Universitário Leonardo Da Vinci – UNIASSSELVI – Rodovia BR 470 – Km 71 – nº 1.040 – Bairro Benedito – Caixa Postal 191 – 89130-000 – Indaial/SC Fone (47) 3281-9000 – Fax (47) 3281-9090 – Site: www.uniasselvi.com.br.

O que é avaliar?

Falar de avaliação é refletir sobre a amplitude da educação, afinal, a avaliação está relacionada à concepção de educação. Nessa perspectiva, é necessário compreender a avaliação e suas implicações na prática educativa. De acordo com Libâneo (1994, p. 195), “[...] a avaliação é uma tarefa didática necessária e permanente do trabalho docente, que deve acompanhar passo a passo o processo de ensino e aprendizagem”. Através da avaliação, obtêm-se resultados que são comparados com os objetivos propostos, com o intuito de constatar progressos, dificuldades e organizar o trabalho com as devidas alterações.

A avaliação é uma tarefa complexa que não se resume à realização de provas e atribuição de notas. A mensuração apenas proporciona dados que devem ser submetidos a uma apreciação qualitativa. A avaliação, assim, cumpre funções pedagógico-didáticas, de diagnóstico e de controle em relação às quais se recorre a instrumentos de verificação do rendimento escolar (LIBÂNEO, 1994, p. 195).

Ainda segundo Libâneo (1994), a avaliação é um componente do processo de ensino, que tem como tarefa a verificação, a qualificação e a apreciação qualitativa. A verificação como tarefa da avaliação é a coleta de dados referente ao aproveitamento dos alunos, que pode ser feita através de provas, exercícios ou tarefas. A qualificação é a comprovação dos resultados em relação aos objetivos propostos. A apreciação qualitativa é a comparação dos resultados obtidos com o desempenho esperado.

Diante disso, a avaliação escolar cumpre pelo menos três funções: pedagógico-didática, de diagnóstico e de controle.

A função pedagógico-didática está ligada ao cumprimento dos objetivos, tanto gerais quanto específicos da educação escolar, possibilitando o aprimoramento e a ampliação do conhecimento e habilidades.

A função diagnóstica é a mais importante na prática escolar, pois ocorre no início, durante e no final do desenvolvimento das aulas, permitindo identificar o progresso e as dificuldades dos alunos e a atuação do professor para que se possa cumprir os objetivos.

A função de controle possibilita o diagnóstico das situações didáticas, através da frequência das verificações e da qualificação dos resultados escolares. Essas verificações são um controle sistemático e contínuo, ocorrendo no processo de interação do professor com o aluno em aula, atividades em grupo, entre outras.

Essas funções atuam de forma interdependente, não podendo ser consideradas isoladamente. A função pedagógico-didática está referida aos próprios objetivos do processo de ensino e diretamente vinculada às funções de diagnóstico e de controle. A função diagnóstica se torna esvaziada se não estiver referida à função pedagógico-didática e se não for suprida de dados e alimentada pelo acompanhamento do processo de ensino que ocorre na função de controle. A função de controle, sem a função de diagnóstico e sem o seu significado pedagógico-didático, fica restringida à simples tarefa de atribuição de notas e classificação (LIBÂNEO, 1994, p. 197).

De acordo com Luckesi (2008), a avaliação só tem sentido quando articulada com o projeto pedagógico e projeto de ensino. A avaliação não possui uma finalidade em si, ela deve ser apenas uma etapa, de várias, no processo de aprendizagem, que visa construir um resultado já predefinido. “[...] A avaliação subsidia decisões a respeito da aprendizagem dos educandos, tendo em vista garantir a qualidade do resultado que estamos construindo. Por isso, não pode ser estudada, definida e delineada sem um projeto que a articule” (LUCKESI, 2008, p. 85).

Ainda segundo Luckesi (2008), os professores realizam três procedimentos sucessivos para medir o aproveitamento escolar, que são: medida do aproveitamento escolar; transformação da medida em nota ou conceito; utilização dos resultados identificados. Significa dizer que medir “[...] é uma forma de comparar grandezas, tomando uma como padrão e a outra como objeto a ser medido” (LUCKESI 2008, p. 87). De acordo com essa definição, o resultado é ob-

tido pela quantidade de vezes que a medida padrão cabe dentro do objeto. Na prática escolar, os resultados da aprendizagem são obtidos, inicialmente, pela medida, variando os instrumentos utilizados para obtê-la.

O padrão de medida mais utilizado pelos professores é o acerto de questão. Algumas vezes, esses acertos são transformados em pontos, mas não muda a característica de medida. Para chegar à medida da aprendizagem, os professores se utilizam de diversos instrumentos, sendo eles: observação, testes, provas, trabalhos.

Na conversão da medida em nota ou conceito, é feita uma equivalência entre os acertos ou pontos e uma escala de notas ou conceitos. Diante do resultado obtido, o professor faz a utilização de tal. A utilização correta pode ser de grande valia, pois o professor pode apenas registrar a nota em seu diário para aprovar ou reprovar o aluno, ou pode usá-la para compreender as dificuldades e os desvios de aprendizagem para, então, mudar os métodos de ensino, de modo que o aluno aprenda e construa efetivamente os resultados necessários da aprendizagem.

Em síntese, [...] a aferição da aprendizagem escolar é utilizada, na quase totalidade das vezes, para classificar os alunos em aprovados ou reprovados. E nas ocasiões em que se possibilita uma revisão dos conteúdos, em si, não é para proceder a uma aprendizagem ainda não realizada ou a um aprofundamento de determinada aprendizagem, mas sim para “melhorar” a nota do educando e, com isso, aprová-lo (LUCKESI, 2008, p. 91).

De acordo com Vasconcellos (2010), para a elaboração de instrumentos de avaliação não existe uma fórmula mágica que levaria a avaliar bem, e, com isso, salvar todo o processo educativo. O que deve haver por parte do professor é o bom senso para assumir novas posturas, e assim novas práticas e novas maneiras para se relacionar com os instrumentos avaliativos.

A preocupação fundamental de Vasconcellos é a mudança de postura do professor, com o intuito de superar a ênfase seletiva com relação à avaliação. Essa mudança de postura implica mudar a forma de avaliar, buscar novos instrumentos. A mudança dos instrumentos avaliativos implica diretamente com a concepção de educação da escola na qual o professor atua, pois, segundo Vasconcellos (2010, p. 124), tais procedimentos “[...] são, [...], desafios que se imbricam: a mudança de postura em relação às finalidades (da educação e da avaliação) e a busca de mediações adequadas (de ensinar e de avaliar)”.

Segundo os estudos de Vasconcellos (2010), muitos professores consideram a autoavaliação extremamente importante para o aluno, pois ajuda o aluno a se localizar no processo de ensino-aprendizagem, possibilitando a metacognição (o conhecimento sobre o caminho de conhecimento que está percorrendo). Através da autoavaliação, é possível que o aluno assuma responsabilidade pelo próprio desenvolvimento. Nesse tipo de avaliação, o professor abre mão do poder autoritário e de dar nota, não vinculando a autoavaliação com aprovação/reprovação.

A avaliação cognitiva, de cunho decorativo, em que o professor faz as questões que têm como resposta exatamente o que ele disse em aula ou que está escrito no livro leva a uma distorção da prática de estudo, pois o aluno ao invés de aprender fica preocupado em memorizar para responder na prova. É um processo de repetição e não de criação.

A falta de articulação entre o que se quer e a prática pedagógica é um dos grandes problemas da educação, pois os professores dizem querer formar sujeitos críticos e criativos, mas a prática escolar aponta para o contrário. O professor deve deixar claro para os alunos e pais quais serão os critérios e procedimentos de avaliação. O aluno, ao saber como será avaliado, entenderá de onde surge a nota ou conceito. O professor pode optar por diversas formas de avaliar, uma delas é o registro, um tipo de observação do cotidiano escolar, em caráter descritivo. Esse recurso pode ajudar na avaliação final dos alunos.

Com relação ao conteúdo cognitivo da avaliação, é comum a fragmentação do saber, a solicitação da mera devolução de informações e não o estabelecimento de relações; há descontinuidade com o dia a dia. Aqui também aparecem os célebres “questionários”

(regras, nomes, datas, locais, fórmulas, algoritmos, classificações fora de contextos significativos) que levam a uma mera reprodução de informações, não favorecendo que o professor possa captar efetivamente o real estágio de aprendizagem dos alunos, bem como suas necessidades (VASCONCELLOS, 2010, p. 100).

Ainda, segundo Vasconcellos (2010), as provas que vêm sendo aplicadas nas escolas são aquelas com dia marcado; duração cronometrada; matéria determinada; papel especial; individual e sem consulta; distanciamento professor-aluno; complexidade maior do que o cotidiano; apenas para gerar nota; cumulativa para obrigar os alunos a estudar/decorar a matéria. Assim, Vasconcellos (2010, p. 125) afirma que “[...] a avaliação deixa de ser considerada como uma dimensão da aprendizagem, para ser apenas a “com-‘prova’-ção” do que o aluno sabe”.

O problema maior desse tipo de prova é a ruptura com o processo de ensino-aprendizagem. O aluno sabe que precisa de nota e apenas estuda para passar ou atingir a média, não há um processo de conhecimento e aprendizagem, mas, sim, uma memorização da matéria. Assim, acontece uma distorção da intencionalidade do trabalho educativo. O que acontece a partir desse pensamento, de memorizar para obter nota, é uma reação em cadeia. O aluno que não está seguro em sua memorização procura outros meios, como a “cola” de outro colega. O foco permanece na nota, dificultando a superação e o crescimento, condenando o aluno a não atingir a média determinada e diminuindo a sua autoestima.

De acordo com Antunes (2012), há ainda muito a se construir sobre a avaliação da aprendizagem escolar. Quando falamos em avaliação da aprendizagem não estamos falando de uma matéria pronta, ou discussão finalizada, ou teoria aceita. Tudo o que existe de estudos sobre avaliação serve apenas como modelo para o professor, pois a avaliação necessita ser modelada passo a passo, a cada dia, em cada aula, para cada grupo de alunos.

[...] Toda a avaliação do rendimento escolar envolve procedimentos de coleta, organização de dados de desempenho, que representa uma forma de julgamento e, finalmente, que o aluno representa o objeto central da avaliação. A ideia de avaliação do rendimento escolar, dessa maneira, associa-se a uma concepção de conhecimento, mas também à emissão de juízo de valores; é, portanto, bem mais complicado que procedimentos de medição e, como decorrência desse juízo, a tarefa do professor ao avaliar exige competência, discernimento, equilíbrio, além, é claro, de conhecimentos técnicos (ANTUNES, 2012, p. 10).

Para Antunes (2012), em primeiro lugar, deve-se discutir sobre qual é a perspectiva de ensino utilizada pela escola e pelo professor, pois somente a partir disso é possível falar sobre avaliação. Para chegar à avaliação, temos que passar por seis perspectivas:

Perspectiva 1	A aprendizagem somente é possível quando o aluno é capaz de construir significados e atribuir sentido ao conteúdo da aprendizagem, ou seja, a avaliação da aprendizagem através de uma perspectiva construtivista.
Perspectiva 2	Aceitação da aprendizagem através de inúmeras linguagens, pois todo o aluno opera múltiplas inteligências.
Perspectiva 3	Exploração da aprendizagem significativa, aquela que utiliza a memória de longa duração e faz do aluno um solucionador de problemas, utilizando os saberes adquiridos em referência para inúmeros contextos.
Perspectiva 4	Organização do currículo com disciplinas interligadas, utilizando todos os meios e formas para explorar os conteúdos.
Perspectiva 5	A escola deve representar um espaço de vivência e estímulos, trocas de experiências, e não um armazém em que se acumulam saberes para serem repassados a quem não sabe e não pensam sobre como e por que fazer o uso desses saberes.

Perspectiva 6	Para que ocorra uma avaliação do rendimento escolar eficiente, é necessária a observação contínua dos alunos e métodos diversos de avaliação, como trabalhos individuais e em grupos, provas com e sem consulta, e a capacidade do aluno de associar aos saberes informações encontradas.
---------------	---

Toda avaliação é sempre estática, pois capta o desempenho do aluno em um momento específico, é, pois, instantânea, mas sua aprendizagem é construtiva, possui uma dinâmica e significados que estão em permanente ebulição e transformação e, sobretudo, com alunos mais novos, muitas vezes a aprendizagem significativa se manifesta algum tempo depois da atividade que a suscitou (ANTUNES, 2012, p. 31).

Para Libâneo (1994), a avaliação é um processo contínuo que ocorre em diferentes momentos do trabalho. Uma das funções da avaliação é determinar quanto e em que nível de qualidade estão sendo atingidos os objetivos, sendo necessários instrumentos e procedimentos de verificação adequados, sendo alguns deles:

- Prova escrita dissertativa: um conjunto de questões ou temas que devem ser respondidos pelos alunos com suas próprias palavras. As questões devem ser formuladas com clareza, mencionando uma habilidade mental que deseja que o aluno demonstre como comparar, relacionar, resolver etc. O objetivo é verificar o desenvolvimento das habilidades intelectuais dos alunos na assimilação dos conteúdos.
- Prova escrita de questões objetivas: esse tipo de prova solicita ao aluno que escolha uma resposta correta dentre as alternativas. As provas de questões objetivas avaliam a extensão de conhecimentos e habilidades, porém apresentam algumas desvantagens: exigem técnicas apropriadas de elaboração; por serem aparentemente fáceis de elaboração favorecem a improvisação; oferecem a possibilidade de o aluno escolher a resposta por palpite.
- Questões de certo-errado: neste tipo de prova, o aluno escolhe a resposta entre duas ou mais alternativas. Cada item é uma afirmação que pode estar certa ou errada. O professor deve tomar alguns cuidados ao elaborar as questões. Ele não deve retirar frases isoladas do livro didático, pois a frase pode não conter a ideia principal e o aluno poderá assimilar erradamente o conhecimento.

Entre os instrumentos citados, Libâneo (1994) cita as questões de lacunas para completar; questões de múltipla escolha; questões de interpretação de texto e questões de ordenação.

A vivência do estágio

As atividades de estágio ocorreram de forma tranquila, tendo havido receptividade positiva por parte da vice-diretora e pela supervisora da escola. Iniciamos com a coleta de dados sobre o funcionamento e estrutura da escola, leitura do PPP e Regimento Escolar. Após a análise desses dados, observamos as aulas de uma turma da EJA de Ensino Fundamental, na totalidade de cinco aulas, que equivalem ao 7º e 8º anos. Observamos as aulas de Língua Portuguesa, Artes, Matemática e Ciências e percebemos a diferença de metodologia de um professor para o outro. A turma era composta por 45 alunos, mas em nenhum dos dias havia mais de 20 alunos em sala. Os alunos se esforçavam para fazer as tarefas propostas, o professor de Português foi o que mais aulas ministrou, portanto, o escolhido para a entrevista. As aulas dele foram as que os alunos mais participaram e se empenharam na realização das tarefas. Um dos instrumentos de avaliação adotado pelo professor traduzia-se na organização do caderno e matéria completa. O professor que tem pouco mais de 30 anos utiliza de didática facilitadora para a aprendizagem dos alunos, trazendo temas do cotidiano para debate, fazendo uso de linguagem coloquial, porém, preocupando-se, nos momentos da explicação do conteúdo, com a aplicabilidade da norma culta durante as explicações.

As observações no Ensino Médio foram realizadas em uma turma de 2º ano, com aulas de diversos professores. O professor de Matemática foi o escolhido para a entrevista devido ao seu comportamento docente, visto que, ao chegar em sala, expressava um “boa noite” e iniciava a aula com exercícios no quadro. Além das avaliações por área de conhecimento, os alunos são avaliados por trabalhos em grupo e individuais. Nesta turma de 2º ano, presenciamos a aplicação de prova pelo professor de História, que nos chamou a atenção pelo método utilizado. O professor chegou à sala e pediu para que os alunos separassem as classes e pegassem uma folha de papel, ele então selecionou frases do livro didático (ditou seis frases). Após os alunos transcreverem as frases para a folha, deveriam colocar um V ou F em cada frase, indicando se a afirmação era verdadeira ou falsa. A avaliação foi bem rápida, durou no máximo dez minutos. Na medida em que os alunos entregavam as folhas, o professor corrigia-as e entregava-as. Os alunos que acertassem quatro questões haviam ficado na média, já os alunos que acertassem menos de 4, ficavam em recuperação, o que aconteceu com 80% da turma. Pareceu-nos não ter havido aprendizagem com este método de avaliação, uma vez que os alunos demonstraram não conhecer o conteúdo, tendo apenas intuído as respostas. Infere-se que a intenção do professor era de que todos os alunos ficassem em recuperação, pois a prova de recuperação seria elaborada com base em seis capítulos do livro didático. É lamentável presenciar esse tipo de postura de um educador e ainda mais lamentável ver que aquilo é considerado comum pelos alunos.

Após ler o PPP e o Regimento Escolar, e observar as aulas, percebemos que a teoria destoa um pouco da prática, tanto em relação à estrutura da Escola, quanto aos métodos de ensino, planejamento e avaliação. No PPP, consta que a Escola possui diversos laboratórios de apoio às disciplinas, mas a maioria não existe mais; a Escola enfrenta grande dificuldade com a falta de material didático, inclusive folhas de papel; os livros didáticos são trazidos para a sala pelo professor quando necessário, após a utilização, retornam à biblioteca; os métodos de ensino e de avaliação não são inovadores para o Ensino Fundamental.

É nítida a diferença entre as turmas de EJA do Ensino Fundamental e a de Ensino Médio regular. Pudemos ver claramente o atraso dos alunos que estão no Ensino Fundamental, isso ocorre inclusive, em relação aos assuntos de conhecimentos gerais, mesmo a média de idade sendo igual a dos alunos do Ensino Médio. Estes, por sua vez, mostraram raciocínio mais rápido, apesar de serem mais dispersos que a turma de Ensino Fundamental.

Considerações finais

O estágio proporcionou uma vivência única em que foi possível compreender a diferença entre teoria e prática, a realidade de sala de aula, as dificuldades encontradas pelos professores e as didáticas utilizadas. Os objetivos iniciais do projeto de estágio consistiram em analisar as realidades e reais dificuldades com relação à avaliação escolar e seus instrumentos; identificar as dificuldades enfrentadas pelo professor de Educação Básica diante do tema avaliação escolar; verificar quais são e qual a eficácia dos instrumentos de avaliação utilizados pelos professores. Diante desses objetivos, as observações em sala de aula foram realizadas com o foco nos instrumentos de avaliação utilizados pelo professor, de Ensino Fundamental e Médio.

Os instrumentos de avaliação citados por diversos autores e abordados nesse trabalho são inúmeros, mas, na realidade de sala de aula, pode-se verificar que os instrumentos de avaliação escolar utilizados são bem limitados, resumindo-se em provas dissertativas e objetivas, trabalhos individuais e em grupo, e cobrança da organização do caderno.

Com base na entrevista aplicada, foi possível analisar o empenho dos professores em proporcionar aos alunos uma educação melhor, mas os fatores internos de sala de aula, e externos a ela, impossibilitam esse empenho, levando o docente à zona de conforto. Para que ocorra a mudança de postura do professor com relação à avaliação escolar, é necessário que as escolas

também mudem o modo de pensar, e que os alunos demonstrem mais interesse e respeito à escola e aos professores, além do respeito a si mesmos.

Pensar e experimentar novas maneiras de avaliar é válido, porém, o sistema no qual o ensino está inserido não pode ser ignorado, tal qual comentou um dos professores entrevistados: “Há sim a necessidade da aplicação de provas, somente deixará de ser quando no pós-escola não haver [sic] mais essa cobrança, como vestibular e ENEM”.

Portanto, a necessidade de mudança é de fora para dentro, da cobrança da sociedade em relação aos professores e alunos, do modo como a educação do Brasil está estruturada, para, então, começar a mudar dentro da escola e explorar os diversos métodos e instrumentos de avaliação existentes.

Referências

ANTUNES, Celso. **A avaliação da aprendizagem escolar**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

LUCKESI, Cipriano. **Avaliação da aprendizagem escolar**. 19. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Avaliação da aprendizagem: práticas de mudança**. 11. ed. São Paulo: Libertad, 2010.

Artigo recebido em 30/05/17. Aceito em 10/07/17.
